

## PAIVA D'ANDRADE



Paiva d'Andrade é dos que de todo se entregaram á civilização da Africa. Vae em largos annos que, abandonando as commodidades e os confortos da vida europeia, foi para Africa lutar para que o nosso dominio passasse do campo das tradições e do platonismo para a realidade.

As mil difficuldades que a politica e os interesses individuaes levantaram á realização dos seus planos d'exploração mineira impediram-no de abrir ao paiz uma larga fonte de riqueza, que hoje se tornou perfeitamente indiscutivel. D'entre todos os nos-os africanistas — consinta-se que o digamos sem desdouro para ninguem — Paiva d'Andrade foi o unico pratico. O que elle disse ha annos sobre a nossa occupação em Manica só hoje se conhece a verdade que encerrava. Foi preciso que uma companhia ingleza, desprezando direitos historicos, emprehesse occupar Manica para que em Portugal se reconhecesse que Paiva d'Andrade de ha muito andava bem avisado, ao pedir que se tornasse alli effectivo o nosso dominio.

A intelligencia de Paiva d'Andrade, orientada n'um sentido de todo pratico, aquelles vastos territorios, em que os filões d'ouro se entrecruzam, offereciam um campo uberrimo de exploração que fructificaria um beneficio do paiz acostumado a dispender, tão sómente, com as colonias, centenas e centenas de contos.

Por nosso mal, jámais os desejos do valente africanista encontraram protecção nos governos; e, se os inglezes não manifestassem ambições sobre aquelles territorios, ainda hoje passariam por sonhos os projectos de Paiva d'Andrade.

Agora, atribulados pelas desgraças que dia a dia se sobrepõem, começamos a fazer justiça nos que sacrificaram saude, interesses, tudo, pela causa da civilização africana. Paiva d'Andrade por isso só agora é apreciado e só agora se lhe agradecem os sacrificios e o perseverante esforço.

## Alguns livros

Demasiadamente agitada vae a epocha, p'ra que lhe possamos pedir obras de cunho. Entanto, no meio da furia revolucionaria d'uns, e dos espalhafatos bellicos d'outros, parece que inda alguns trabalhadores acham socego, para conceber, n'uma atmosfera limpida e perfumada d'arte, coisas delicadas de poesia e narraçao. Ahi está por exemplo o *Cancioneiro Chinez*, d'Antonio Feijó, o poeta gentilhomem, que passa a vida a buscar na phrase, como Flaubert, a suprema perfeição na suprema graça, e que a encontra, e n'este livro a crystallizou com fortuna insolita—a ponto de parecer que o texto poetico por elle vertido, não seja de poetas chinezes, problematicos, mas de Henri Heine, um Heine novo, religiosamente nostalgico, e d'um humorismo velado e cheio de problemas.

«Vejo um bello caminho marginado  
de verdejantes arvores frondosas,  
todo em sonhos discretos mergulhado  
e coberto de moitas odorosas.

Mas de que vale esse caminho estreito  
em cuja sombra o meu olhar demoro?  
Sei muito bem que elle não vae direito  
à habitação d'aquella a quem adoro.

E aquella a quem adoro e por quem erro  
não pôde nas estradas caminhar...  
logo ao nascer, em borzeguins de ferro  
os niveos pés fizeram lhe moldar!

E ninguem sabe que torturas soffre  
nem que desgosto o meu amor presente!  
—quando nasceu, fecharam-lhe n'um cofre  
O pequenino coração tremente..»



A *Historia do Cerco de Diu*, é outro livro que reputo precioso, posto n'um genero antipodal do Cancioneiro. E' um d'esses livros eternos, asperos, sinceros de crueldade e de historia vista, que nenhum portuguez lerá, sobretudo n'esta hora afflictiva, sem um profundo arquejar de coração. Elle só vale um curso de historia detalhada, sobre as heroicas infamias que os nossos capitães commetteram, nos paizes que iam conquistando, e elle só explica como em todos os sitios e quadras historicas, recuadas ou proximas, os vencedores são sempre os mesmos miseraveis. A edição da *Historia do Cerco de Diu*, é a primeira que uma companhia editora de classicos, lança ao mercado: e cumpre dizer que nunca uma propaganda mereceu mais justos applausos, e sympathias mais vivas, do que esta, que resuscita do pó dos archivos as memorias sangrentas ainda, dos grandes dias da nossa patria! Pelos detalhes de que se exorna, pela rudeza do esylo e de justiça sob que historia feitos vistos, o *Cerco de Diu*, dá uma impressão vivissima d'assombro, sobre deliciar o leitor como um romance, e aquecer o meridional como um discurso. A paginas 59, por exemplo:

«Fez-se esta fortaleza, a saber: muralhas e baluartes até o andar das ameias em quarenta e nove dias de trabalho; e n'ella trabalhavam todos os homens que com o governador foram em sua armada; que segundo o comprimento do muro, grossura e grandeza, foi certo, trabalhar de homens, que tolgassem de servir o seu rei. Sultão Badur veio vêr a dita obra algumas vézes, em uma das quaes vendo os portuguezes que n'ella trabalhavam cheios d'immundicia que o trabalho de si dava, perguntou ao governador se aquelles trabalhadores e gente civil que alli andava levavam muito jornal; porque segundo os via servir julgava serem dignos de boa paga. Foi-lhe por elle respondido, que aquelles trabalhadores que elle via tão cheios de cat e de pó eram os fidalgos e capitães que a el-rei seu senhor sostinham a India; os quaes o tempo que lhes faltava a guerra, passavam n'aquellas branduras e delicias. D'isso se espantou sultão Badur, e disse, que então via claro porque el-rei de Portugal, seu irmão, era senhor de vassallos dignos de serem d'elle muito amados, porque se ao mais triste homem de guerra que em seu arraial havia tal mandasse, em continente bons e maus o deixariam.»



PRIMEIRAS LEITURAS (selecta infantil) coordenadas para uso das escolas primarias, por Joaquim d'Araujo. Ejs ahi uma das mais felizes recompilações litterarias, para entretenimento infantil, de que hei noticia, e um dos livros d'escola que eu poria na frente dos recommendados á adopção dos mestres de meninos.

O sr. Joaquim d'Araujo juntou n'este volume, elementos de phantasia, de sciencia, e d'istoria, completamente adequados ao programma official das selectas primarias, e soube escolher os trechos na proporção da facilidade e da clareza que surpreendeu na sua trama — base d'escolha indispensavel, tratando-se de leitores apenas titubiantes, cuja intelligencia não conviria forçar té môres difficuldades. N'este livrinho sympathico, ha de tudo um pouco, mas dominam a narraçao e o drama, em poesia ou em prosa, como meio d'interessar os jovens leitores a quem elle é consagrado. Da tradiçao oral colheu por exemplo o sr. Joaquim d'Araujo muitas historias e contos, que por certo encherão de maravilhoso as loiras cabecitas; juntou-lhes descriptivos e versos de Camões, de Herculano, de João de Deus e de Garret, cartas de patriotas, poematos de poetas novos, e d'ahi p'ra baixo, n'uma escolha tão escrupulosa quanto intelligente, os especimens d'estylo, os documentos escriptos, de bravura, de honra, de valor civico e d'elevação poetica, que melhor achou, quadravam ao intuito da obra. Repito: sahio-se admiravelmente bem da tentativa, o sr. Joaquim d'Araujo, e as creanças devem beijar-lhe as mãos, como a um avó.—Lá isso devem!

## Para a Africa

D'amor da pátria palpito  
Cheio, cheio como um ovo!  
E, por um triz, não me excito  
A berrar como um cabrito:  
«Iros do mar—nobre povo...»

Com brio, ardor e tezura,  
Valor, fibra, sangue e tal,  
A mocidade mais pura  
Unir-se agora procura,  
N'um batalhão nacional!

Quem me dera, dera, dera,  
Ter a idade que elles têm  
Que como elles eu fizera  
Correndo como uma fera  
Sobre os inglezes—Amen!

Mas fallemos sem demora  
Do citado batalhão,  
Em que tudo falla agora  
—Que é assumpto a toda a hora  
Na presente occasião:

Os moços de que se falla  
Exigir foram do Ennes  
Munições de polv'ra e bala,  
Armas, feijão, pão de rala,  
Fardas, sapatos, mitenes,

Medicos, peças, sargentos,  
Cinturões, bandas e faxas,  
O que ha melhor de armamentos,  
Sinapismos e unguentos,  
Lapis, canetas, borrachas,

Carquêja e mais combustivel.  
Calças, calções e calçado,  
Comestivel, bebestivel,  
—Tudo, em summa, que é possivel  
Precisar qualquer soldado;

Chocolate, café, chá,  
Garfos, facas e colheres...

.....  
—Levam tudo! alguém dirá:  
—E eu então, não ia lá  
Sem levar tambem mulheres...

PAN-TARANTULA.

### Em todo o Portugal

Da horla fresca do Tejo até as do Minho em flôr,  
De Lagos a Vizeu, de Lisboa a Bragança,  
Rescende do sabão do Congo o fino olor,  
Que dá graça e belleza e o mimo a téz affiança

Um viajante de commercio a Victor Valssier, Paris.

## Bibliographia



Gazetilhas, por Guedes d'Oliveira.

Guedes d'Oliveira, o espirituoso Tito-Litho da *Republica Portuguesa*, publicou ha pouco tempo uma collecção de versos subordinados ao titulo *Gazetilhas*.

Todos os que lêem jornaes conhecem decerto a graça genuinamente-portugueza que em todas aquellas producções marcam o feitio d'este poeta. Guedes d'Oliveira é um demolidor, mas pelo riso. Não é de hoje, nem d'hontem que elle vem lançando sarcasmos sobre os farçantes e ridiculo sobre a mediocridade enfatuada. O seu trabalho tem valor porque representa uma nota alegre entre a tristeza official d'esta terra, e porque é o castigo dos que prosperam, sem talento, sem brio e sem honra. Quasi diriamos que é uma obra de justiça.

Agradecemos o volume que nos enviou e felicitamos-o calorosamente pelo verdadeiro exito que teem alcançando as suas *Gazetilhas*.



Carta ao rei por Horacio de Araujo.

É uma carta vibrante de quem ama a liberdade, acima de tudo.

A maneira, o feitio, emfim a factura material é por ventura calcada sobre as cartas de Gomes Leal, mas as imagens, por vezes arrojadas, são originaes.

Resente-se este poeta da apostrophe, como vicio de quasi todos os que escrevem cartas em verso.

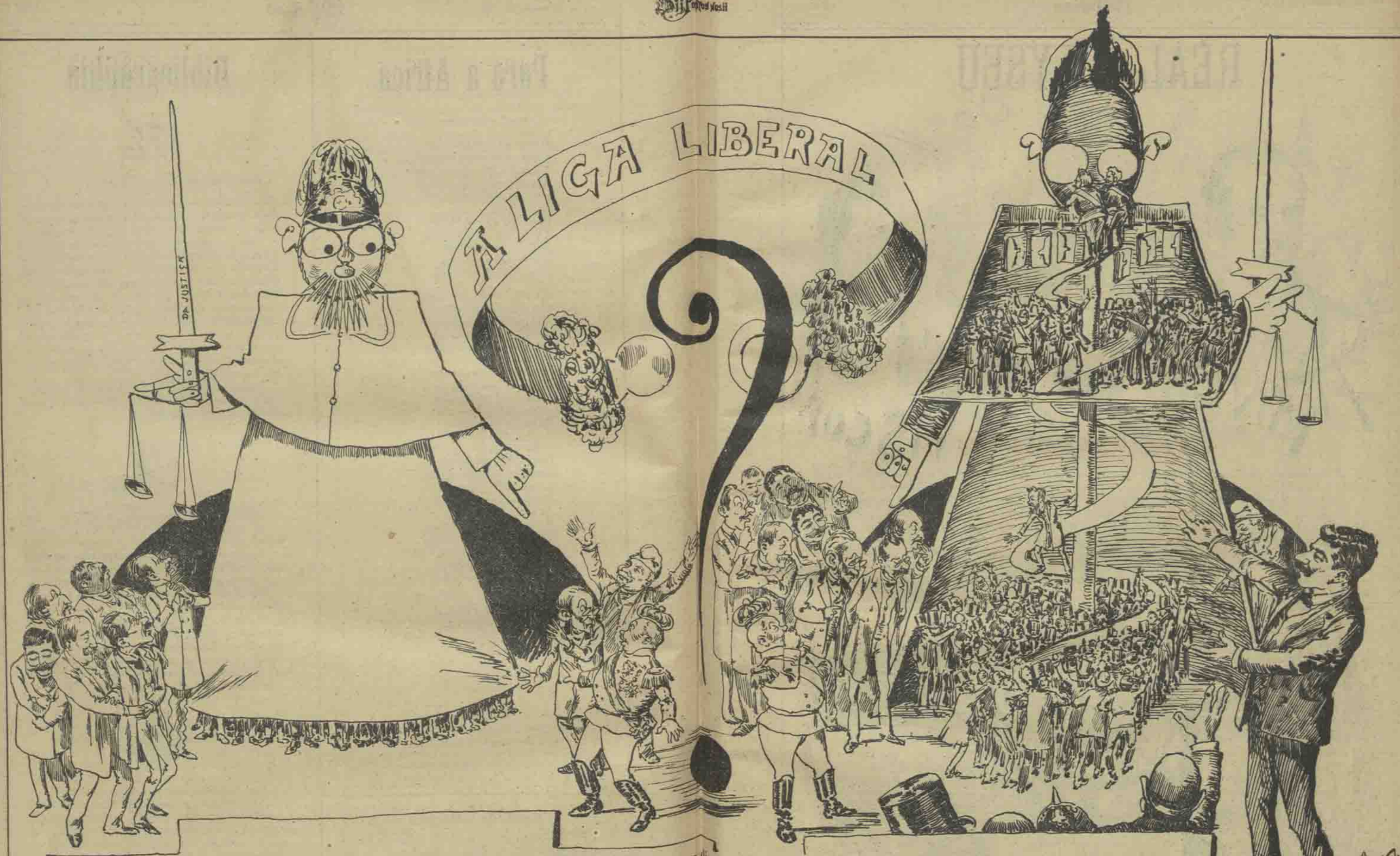
O fito do poema parece-nos errado, porque o conselho já não logra resultado algum. *A carta ao rei*, em que ha defeitos grandes, como amontoar os chavões dos classicos 50 annos de constitucionalismo, revela comtudo apreciaveis qualidades de escriptor e facilidade no arranjo intimo do verso.



Uma campanha alegre, por Eça de Queiroz.

Começou a ser publicada pela Empresa Nacional Editora a parte das *Farpas*, escripta por Eça de Queiroz. O eminente escriptor subordinou esta reedição ao titulo de *Uma campanha alegre*, em que julga condensar-se a feição da obra.

Eça de Queiroz fez um prologo que em verdade exprime uma desconsoladora desillusão, por parte do illustre escriptor, que parece pouco satisfeito de perfilar a obra de ha 20 annos.



Era o partido da fiscalização, uma especie de sentinella vigilante dos outros partidos. Os politicos tiveram-lhe medo. Pudéra! Queria moralidade nos governos, e tinha a espada da justiça prompta a cair sobre os que faltassem aos bons principios...

Mas um dia — coisas da vida — houve curiosidade em saber o que lá havia por dentro. Foi o sr. Eduardo d'Abreu que mostrou o que por lá ia. *Tableau!* Todos queriam subir ao primeiro andar onde estão os que poderão ser ministros. Atropellavam-se na escada, e era uma furia!

M. V. Vieira

# REAL COLYSEU



A empresa do Real Colyseu, no proposito, segundo é costume dizer-se, de proporcionar ao publico de Lisboa os melhores divertimentos, tem adquirido novos artistas e apresentado trabalhos sempre variados.

François, o caricaturista já nosso conhecido, e a quem agradecemos o ter-se lembrado de nós, todas as noites faz caricaturas de gente das nossas relações, essas boas pessoas de Lisboa, que a todos os cantos encontramos... De resto, Elvira e Olga Guerra, são sempre applaudidas, e Visconti, na sua revista das nações, em que canta um fado portuguezissimo a Sapa, não desmerece do conceito que já aqui d'elle fizemos.

A proposito, sempre é bom dar um agradecimento á empresa que em attenção ao alto preço do dinheiro, consente que cada cavalheiro leve a sua respectiva metade sem pagar mais. Era realmente estranho que uma metade pagasse quando a outra já houvesse pago. Sim, porque isto de marido e mulher, é preciso que nos convençamos que não representa mais do que um...

## ON DIT...

Quem á porta deita areia  
E faz um vistão real  
E' o cambista Gouveia,  
Que nos enche o pé de meia  
Na taluda do Natal.

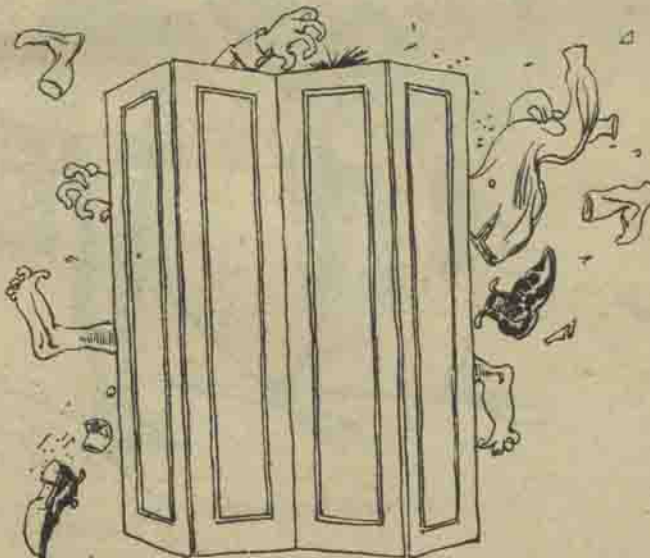
Dizem p'r'os lados d'Ajuda  
E affiança a minha tia  
Que só nos dá a taluda  
Campeão & Companhia.

Na rua do Arsenal  
Já tudo espera, co'a breca  
Que a taluda do Natal  
Passe de Hespanha ao Fonseca.

Querem saber quem apanha  
A maior sorte d'Hespanha?  
Quem nos vae dar amarellas  
Quem nos dá mais que um thesouro?  
Pois vão comprar as cautellas  
Ao Silva da rua do Ouro.



# UMA PULGA.



LOP. DE CODEFRAY.

### OS «LIGORIOS» COMPROMETTIDOS



Ligorio — Querida Liga serei sempre teu; gosto do teu patriotismo...

Liga — Que queres tu?

Ligorio — Só uma pastasinha.

Liga — ???...

Pierrot, arrancando a mascara da Liga:—Olha quem ella é!

Ligorio — Que compromettimento!!!



Pierrot — Ora você, um homem serio, agora metido com a Liga!

Ligorio — Então?! Eu não sabia quem ella era...



A verdadeira ligação da Liga.

Qui m'aime me suit.